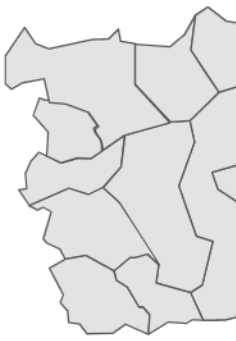

CIDADES (RE)VISITADAS
A CONTRIBUIÇÃO DO GUETU NAS PESQUISAS EM ANTROPOLOGIA URBANA

Luciana Maria Ribeiro de Oliveira[107]
Marco Aurélio Paz Tella[108]

INTRODUÇÃO

Em 2020 o grupo de pesquisa que coordenamos completa 12 anos. Antes mesmo de nossas[109] chegadas à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Grupo de Pesquisas em Etnografias Urbanas (Guetu) já atuava no campus IV da instituição. O presente artigo almeja apresentar as atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas pelo Guetu, desde a sua formação, em 2008. Pretende-se discorrer também sobre alguns fundamentos teóricos e metodológicos em que se baseia o grupo, bem como, as pesquisas realizadas no decorrer destes anos.

O Guetu foi um dos primeiros grupos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Metodológico (CNPq), para atuar no Campus IV da UFPB. O grupo é vinculado ao bacharelado de Antropologia, do Departamento de Ciências Sociais (DCS), no Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE), com sede no município de Rio Tinto, Litoral Norte da Paraíba (que dista 61km da capital João Pessoa). Atualmente, a coordenação do Guetu é compartilhada pela professora Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (DCS do CCHLA[110]/UFPB) e pelo professor Marco Aurélio Paz Tela (DCS do CCAE/UFPB).

Embora o grupo esteja sediado no Campus IV da UFPB, a atuação dxs pesquisadorxs do grupo vai muito além das fronteiras do campus e da própria Universidade. Desde a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), em 2010, o Guetu

107 Doutora em Antropologia. Vice-líder do Grupo de Pesquisas em Etnografias Urbanas (Guetu). E-mail: lulucaribeiro@ig.com.br.

108 Doutor em Ciências Sociais. Líder do Grupo de Pesquisas em Etnografias Urbanas)Guetu). E-mail: marcoaureliopaz@hotmail.com.

109 Luciana ingressou na UFPB em 2013, inicialmente ligada ao programa de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/PNPD/CAPES), e Marco Aurélio em 2009, já como professor efetivo.

110 Centro de Ciências Humanas e Letras, localizado no campus I da UFPB.

mantém em seu grupo estudantes pesquidarxs de outros programas de pós-graduação desta e de outras universidades, tais como em antropologia, sociologia, ciências sociais, serviço social, história, comunicação, dentre outros. Isso fez com que as atividades de pesquisas e de estudos do grupo se dividissem entre as cidades de João Pessoa (Campus I) e Rio Tinto (Campus IV). Além disso, houve um período de dois anos de atividades (de 2015 a 2017) do Guetu no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, localizado na cidade de Sumé (Cariri Paraibano), campus da Universidade Federal de Campina Grande (CDSA/UFCG), devido ao período em que Luciana trabalhou como efetiva nessa instituição[111].

Fundado na UFPB em 2008, o Guetu tinha como meta, nesse primeiro momento, consolidar a linha de ensino, pesquisa e extensão em antropologia urbana no curso de bacharelado em antropologia. A partir de então, o objetivo do grupo sempre foi reunir estudantes, pesquisadorxs e professorxs do campo da antropologia e de áreas afins interessados em discutir e pesquisar temas relacionados aos modos de vida urbanos, marcadores sociais da diferença, práticas culturais, apropriação de espaços urbanos em cidades, em princípio, de pequeno e médio porte no estado da Paraíba[112]. Com o ingresso de novos pesquisadorxs, inclusive da pós-graduação em antropologia, outras contribuições etnográficas abordaram cidades próximas e de grande porte, tais como João Pessoa, Natal e Recife.

O Guetu foi formado inicialmente por um grupo de alunas da graduação em antropologia e pela professora Silvana de Souza Nascimento, que coordenou o grupo até 2013 – ano em que Silvana ingressou no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). No mesmo ano de 2013, a professora Luciana Ribeiro passou a fazer parte do grupo.

Nos primeiros 12 anos do Guetu foram muitas experiências compartilhadas, trajetórias de pessoas que passaram pelo grupo e de muitas outras que ainda mantém algum vínculo, participando de nossas atividades, mesmo que com conexões em outros estados e universidades. UFPE, UFCG, UFAL, UFRN, UFBA, USP são alguns exemplos de parcerias que construímos ao longo desses anos a partir de nossxs integrantes que seguiram na intenção de fazer mestrado e doutorado nessas instituições. Nossos interesses comuns possibilitam a elaboração de projetos de pesquisa e extensão que colaboram na consolidação do Guetu na área de antropologia urbana na Paraíba e no Nordeste. Iremos contar um pouco mais dessa história.

C

S

111 Luciana retornou para a UFPB no ano de 2017 como professora efetiva.

112 As primeiras pesquisas de Iniciação Científica e TCCs abordavam as cidades de pequeno e médio porte.

O GUETU

Devido a esse maior fluxo de pessoas originárias de diferentes lugares, diferentes cursos de graduação e de programas de pós-graduação e universidades, o grupo passou por algumas mudanças. Esse maior fluxo de pessoas revelou para nós, uma diversidade de temas de pesquisa e um leque maior de cidades sendo pesquisadas. Dessa forma, em 2015 se percebeu a necessidade de conceber linhas de pesquisa, que nos ajudassem a organizar melhor o grupo. Assim, foram criadas 3 linhas de pesquisa:

Manifestações Urbanas e Audiovisual: A linha tem como objetivo realizar pesquisas etnográficas audiovisuais nos espaços da cidade, construindo narrativas imagéticas sobre a relação entre indivíduos ou grupos e o espaço da cidade. Abarca grandes áreas temáticas, tais como: dinâmicas urbanas; usos e contrausos da cidade; espaços públicos e privados; processos de urbanização; visualidades e expressões artístico-urbanas;

MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

Esta linha tem como propósito a produção de reflexões que tomem como foco relações de desigualdades, hierarquias e processos de construção da diferença e seus efeitos entre pessoas em diferentes escalas da vida urbana. A ênfase recairá principalmente no modo como marcadores de etnia, raça, gênero, sexualidade e classe social são acionados e manipulados por essas pessoas para produzir identificações, movimentos de aproximação e distanciamento;

APROPRIAÇÕES E INTERAÇÕES EM ESPAÇOS PÚBLICOS - SOCIABILIDADES E LAZER

Atenta aos diversos sentidos atribuídos à cidade contemporânea, a referida linha de pesquisa propõe investigar e discutir as várias formas de sociabilidade e modos de apropriação e produção do espaço urbano. Pretende-se, portanto, ampliar o debate acerca da cidade de diferentes escalas a partir das redes de interações, cotidiano, usos dos espaços públicos, intervenções urbanas, concepções de lazer, práticas consideradas subversivas e/ou ilícitas dos diferentes estilos de vida de grupos e coletivos sociais.

As linhas acima descritas organizam as atuações dxs pesquisadorxs do grupo e a realização das nossas etnografias coletivas – falaremos sobre isso mais a frente.

O grupo mantém encontros quinzenais. No início de cada semestre é discutido e definido coletivamente, as atividades a serem realizadas no semestre a partir das demandas dxs integrantes. Por vezes, realizamos encontros mais teóricos de estudos sobre determinados autores que trabalham a temática urbana e/ou com etnografias. Por outras vezes, organizamos apresentações e discussões dos trabalhos desenvolvidos pelxs membrxs, objetivando contribuir para o TCC, dissertação ou tese. Finalmente, de tempos em tempos formamos grupos menores, de acordo com as linhas de pesquisa, para a realização do exercício de etnografias coletivas. Independente da programação definida, sempre convidamos pesquisadorxs externos ao grupo, para apresentar pesquisas e artigos.

O Guetu mantém dois projetos de extensão, o Cine Debate e o Cine Bixa. O Cine Debate existe desde 2010 e, a partir de 2015, mantém parceria com outros grupos e núcleos de pesquisa: o Grupo de Pesquisa Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc), o Núcleo de Estudos em Gênero, Saúde e Direitos Humanos (Mandacaru), o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) e o Laboratório de Antropologia Visual (Arandu). O projeto de extensão Cine Debate consiste em fortalecer espaços de diálogos e debates no CCAE, a partir da projeção fílmica e debate com um convidado especialista na temática do filme. O objetivo é sempre abordar temas relacionadas aos marcadores sociais da diferença: gênero; sexualidade; classe; geração; étnico-racial etc.

O Cine Bixa, por sua vez, começou em 2018 com uma proposta inicial de fomentar espaços de exibição fílmica sobre, com e para a população universitária LGBTQI+. Em 2019, o projeto ganhou novos ares com a inserção de novas integrantes, mulheres trans e travestis negras e militantes, agregando assim um componente de intervenção artística e valorativa às múltiplas formas de artes visuais (cinema, poesia, música e performance). A proposta metodológica atual se constitui em realizar intervenções fílmicas, poéticas, musicais e performáticas na UFPB e nos seus arredores (praças públicas, eventos acadêmicos e eventos de mobilização social, além de instituições públicas e privadas que demonstrem interesse em discutir as temáticas de gênero e sexualidade). Sua continuidade no ano de 2020 se firma a partir da necessidade local em promover reflexões sobre e com a população LGBTQI+ e não-LGBTQI+ na perspectiva de combater violências homofóbicas, transfóbicas e racistas dentro e fora da universidade, na busca de um melhor bem-viver e conviver. O Cine Bixa baseia-se nas teorias de construções e reconstruções subversivas do gênero e da sexualidade, pensando assim em outras formas de linguagem, no caso aqui, das "corpas" identitárias socialmente rejeitadas, das sexualidades não padronizadas na heterossexualidade cisgênera e dos saberes afrodissidentes. O que faz com que o debate sobre gênero, sexualidade e raça não possa ser desvencilhado, fazendo-se urgente pensar nas várias dimensões de exclusão e violência por que passam as pessoas LGBTQI+ negras.

Além do mais, foram diversas as pesquisas de iniciação científica desenvolvidas no grupo do Guetu, desde a sua fundação, sob orientação da professora Silvana de Souza Nascimento e, posteriormente, do professor Marco Aurélio. Todos os projetos têm Rio Tinto e as cidades vizinhas como espaço das pesquisas: Mamanguape, Baia da Traição, Mataraca, Itapororoca. Todas cidades localizadas no litoral norte da Paraíba. As temáticas também foram diversas: sexualidade, corporeidade, políticas LGBTQI+, movimento social urbano, práticas culturais juvenis etc. Pertinente ressaltar que, por meio dos projetos de extensão e de pesquisa, muitas bolsas foram geradas aos nossxs estudantes de bacharelado em antropologia.

Sob orientação dxs professorxs Silvana, Luciana e Marco Aurélio, muitas foram as dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. E muitas foram as disciplinas ofertadas na pós-graduação, sob chancela do Guetu. Todos esses fatores contribuíram para uma consolidação da linha de pesquisa do PPGA, "Etnografias e sociabilidades urbanas", na qual o grupo se insere.

Nem todxs xs integrantes do Guetu foram ou são orientandxs nossxs. Sempre houve mestrandxs "e "agora" doutorandxs que são orientadxs por colegas do programa que não são do Guetu. Pesquisadorxs de outros programas de pós-graduação, como também de outras universidades, inclusive fora da Paraíba, participam das atividades de pesquisa e extensão do Guetu. Esse incrível fluxo de pessoas, aliás, garante uma troca *sui generis* de experiências acadêmicas e pessoais.

Por fim, no ano de 2017, integrantes do Guetu participaram do II Seminário de Juventudes Contemporâneas (Sejuv), realizado em Maceió, nas dependências da UFAL. Nesse evento, pesquisadorxs de diversos grupos de pesquisa[113], constituíram a Rede de Estudos sobre Experiências e Ações Juvenis (Reaj). A rede pretende promover intercâmbio entre pesquisadorxs de instituições brasileiras que desenvolvam pesquisas sobre a temática da juventude, estimular o contato e trocas entre pesquisadorxs sobre juventude e temáticas afins e elaborar estratégias coletivas que permitam uma maior circulação e divulgação de pesquisas produzidas principalmente na região Nordeste.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO GRUPO

113 São grupos de pesquisa vinculados a diversos programas de pós graduação de diferentes universidades, especialmente do Nordeste. São eles: Laboratório da Cidade e do Contemporâneo (LACC/UFAL), Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (Gert/UFS), Laboratório das Juventudes (Lajus/UFC), Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP), Grupo de Pesquisa em Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos (Sociatos/UFCG), Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economia das Simbolizações (GruPPAES/UFAL), Grupo de Pesquisa em Etnografia Urbana (Guetu/UFPB) e Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessp/UFPB).

Em linhas gerais, as pesquisas coletivas e individuais, realizadas no Guetu, partem do pressuposto de que a cidade contemporânea é fluxo e produz espaços de deslocamentos, de saídas e chegadas, enfim, de circulação (CAIAFA, 2002). Em perspectiva similar, Lefebvre aponta algumas características da vida urbana desejável: "a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos 'padrões' que coexistem na Cidade" (LEFEBVRE, 2001, p. 22). Nas pesquisas, a cidade é analisada em suas diferenças de tamanhos e população, contribuindo para a consolidação dos estudos de antropologia urbana de cidades de diferentes escalas.

Outro aspecto importante que funciona como arcabouço, para as pesquisas do Guetu, é considerar as particularidades históricas dos processos de urbanização das cidades brasileiras, importante para refletir e compreender fenômenos urbanos. As experiências urbanísticas são distintos e nos mostram diferenças de processos entre cidades do Sudeste e Nordeste, e diferenças entre cidades do Nordeste e mesmo dentro da Paraíba. As pesquisas no Guetu contribuem também para a consolidação de um fazer particular de antropologia urbana de cidades do Nordeste.

Nas cidades brasileiras acontecem processos contínuos e crescentes de fragmentação social e étnico-racial. A população pobre e/ou negra e/ou indígena, cada vez mais sem acesso ao que a cidade pode oferecer, vivem de maneira diferente dos segmentos médios e altos de nossa sociedade, que são afetados pelo medo e pela desconfiança e se fecham em casas com muros altos e cercas elétricas ou em condomínios fechados. Como parte desse processo, governos, em grande parte dominados por grupos privilegiados, criam dificuldades na circulação das pessoas (CAIAFA, 2002), promovem em alguns espaços urbanos e em determinados bairros privilegiados, o controle social por meio da vigilância – policial e eletrônica –, dificultando encontros entre diferentes e estranhos. Dessa forma, sentimentos de desconfiança e medo se difundem entre citadinos (BAUMAN, 2009).

Há uma histórica e desigual relação de poder nas cidades brasileiras. E isso se reflete em diversas formas. Como, por exemplo, nas condições sociais em que os moradores vivem, nos acessos aos espaços e serviços públicos, na forma como policiais atuam e abordam moradores dos segmentos mais pobres, nos desiguais investimentos do poder público em ruas, praças, na fragmentação imposta aos mais pobres e na autossegregação dos mais ricos. A cidade é pensada – ou pretensamente planejada – a partir e no sentido do centro para as chamadas periferias. O centro aqui não é o geográfico, mas os bairros com maior renda *per capita*, que, por sua vez, também recebem os maiores investimentos públicos, em infraestrutura, segurança, limpeza etc.

As pesquisas produzidas pelxs pesquisadorxs associadxs ao Guetu ressaltam as práticas, experiências e trajetórias dxs sujeitxs na cidade. Sentir, observar, ouvir como xs sujeitxs citadinxs, individualmente ou em grupos se relacionam com a rua, interferem no cotidiano, como negociam, ressignificam e apropriam dos espaços urbanos e equipamento sociais. Michel Agier (2011, p. 90) chama a atenção para as relações de citadinidade, essas construídas entre grupos e dos grupos com a cidade: "Fala-se de citadinidade no sentido de que as ações, as interações e suas representações são definidas a partir de uma dupla relação: a dos citadinos entre si e a deles com a cidade como contexto social e espacial".

Isto posto, acentuamos nosso alinhamento ao pensamento de Agier (2011, p. 38)., no qual devemos perceber as cidades a partir das "margens urbanas", "deslocar o ponto de vista da cidade para os citadinos", Por essa razão, devem-se analisar também as relações que estabelecem entre si e com outras pessoas e com grupos nas ruas e nos equipamentos sociais. Negociam e utilizam espaços e equipamentos sociais, circulam pelos bairros e pela cidade usufruindo, sofrendo, sentindo, subvertendo, se rebelando, encontrando outras soluções para seus problemas. Enfim, desfazendo e fazendo a cidade. Os sujeitos citadinos de nossas pesquisas resistem e tentam superar as fronteiras, físicas e simbólicas, construídas nas nossas cidades, ao mesmo tempo em que xs próprixs podem ser protagonistas de novas fronteiras.

Além dos estudos realizados em João Pessoa, Campina Grande e Recife, as pesquisas em cidades de pequena e média escala, situadas no Litoral Norte paraibano, contribuíram para novos entendimentos sobre redes interurbanas de trocas estabelecidas pelas cidades e pelas pessoas e grupos que vivem nelas.

Eventos públicos, organizados pelas prefeituras dos municípios, como as vaquejadas, desfile de 7 de setembro, carnaval, festas juninas; eventos organizados sem nenhum apoio público como o "We are hip-hop Potiguara"[114], encontros de indígenas; as feiras públicas etc., funcionam como pontos da conexão de redes interurbanas. O ponto de conexão tem a importante função de alimentar e revigorar as redes interurbanas construídas. Nesse ponto de conexão, as territorialidades são acionadas, viabilizando fluxos das práticas culturais, políticas e econômicas entre cidades.

Outra temática frequente nos estudos dxs pesquisadorxs do Guetu se refere aos marcadores sociais da diferença. Pesquisas que abordam corpo, raça, gênero/sexualidade, geração, classe são relacionadas com a cidade, com seus espaços de resistência, de segregação, violência, insurgências.

114 Evento realizado anualmente, nas dependências do Campus IV da UFPB, no Hall da Central de Aulas. O evento reuni b-boys e b-girls – b-boys em sua grande maioria – com o propósito participar das batalhas de breaking dance. Para mais informações sobre o evento "We are hip-hop Potiguara" ver Tella (2018).

As experiências dxs sujeitxs citadinxs estão relacionadas a diversos fatores, como ações ou reações aos elementos que configuram os marcadores sociais da diferença, como por exemplo, o segmento social a que pertence, a cor da sua pele, sua identidade étnico-racial, a sua religião, a sua identidade de gênero, o lugar de moradia desses sujeitos. Ao falar de vivências, experiências, opções, alternativas e possibilidades dos sujeitos citadinxs, deve-se ter a atenção com prováveis combinações de marcadores sociais. Assim, facilmente encontramos classificações hierárquicas e de desigualdade sobre pessoas e grupos, construídas a partir de tais marcadores, estabelecendo fronteiras entre grupos, acarretando práticas discriminatórias e preconceituosas nas relações cotidianas.

Por si só os marcadores sociais da diferença não sustentam relações de interação desequilibradas e relações de poder desiguais. Para que isso ocorra, os marcadores sociais da diferença devem ser dotados de representações sociais negativas. Miguel Vale de Almeida (2004, p. 2) os denomina como sinais diacríticos, aqueles "que estabelecem uma diferença de sentido e significado, apesar de serem, em si mesmos, desprovidos de sentido ou significado". Dessa maneira, em nossa sociedade, cada marcador social da diferença comporta elementos que fazem com que uma outra pessoa, ao olhar, identificar e classificar, reduza-o "num mero exemplo de uma categoria" (ALMEIDA, 2004, p. 3).

Para finalizar, concordamos com Agier (2011, p. 37), sobre o papel e o método dxs pesquisadorxs, particularmente dxs antropólogxs: "tem a necessidade de se emancipar de qualquer definição normativa e a priori da cidade para poder procurar a sua possibilidade por toda a parte, trabalhando para descrever o processo". Nosso papel, enquanto pesquisadorxs, é o de sair do centro, buscar as cidades feitas pelos diversos sujeitos, a partir dos seus pontos de vista, em suas múltiplas experiências cotidianas com a cidade. Assim, perceber experiências existentes e essenciais para o fazer a cidade com intervenções, circulação, encontros, arte, interações.

O arcabouço teórico utilizado nas pesquisas de todxs xs integrantes do Guetu é muito mais vasto, visto ainda que alguns são orientadxs por outrxs professores ou são ligadxs a outros programas de pós-graduação. Em linhas gerais, apresentamos um breve suporte teórico que orientam nossas pesquisas, guiam nossas metodologias, dentre as mais diversas temáticas pesquisadas por aquelxs que orbitam o Guetu.

O LIVRO

Antes de apresentar esta etapa importante da história do Guetu, falaremos sobre a experiência de nossas etnografias coletivas.

A proposta das etnografias coletivas se inspira nas conversas enriquecedoras e na ideia das caminhadas etnográficas do professor José Guilherme Magnani (NAU/USP). Em 2010, sob a coordenação compartilhada do Guetu, xs professorxs Silvana e Marco Aurélio convidaram o professor Magnani e promoveram caminhadas etnográficas, na companhia de estudantes do bacharelado em antropologia.

Durante dois dias inteiros no feriado de Corpus Christi, o professor Magnani nos orientou nos trabalhos de campo, nas cidades de Mamanguape, Rio Tinto e Baía da Tração. Nessas cidades foram observados diferentes eventos e espaços, tais como a feira pública, a ocupação no bairro do Areal e a área conhecida como "Rua do Meio" em Mamanguape; o bairro da Senzala, um terreiro de religião de matriz africana e a aldeia potiguara de Monte-Mór em Rio Tinto; e a aldeia do Forte na Baía da Traição. Além das visitas, foram muitas as conversas com: fiéis católicos, moradores da ocupação, mãe de santo, cacique e liderança potiguara, comerciantes etc. Dois dias incríveis de muito trabalho e ensinamentos.

Ademais, como já dito, em 2015, o Guetu organizou suas linhas de pesquisa e dividiu o grupo, com a intensão de realizar as etnografias coletivas. Como meta publicar um livro com os resultados dessas pesquisas. A publicação, a propósito, seria parte também das comemorações dos 10 anos do grupo completados em 2018.

Em vista disso, o lançamento do livro "Etnografias urbanas – espaço, imagem e diferença na cidade" (OLIVEIRA; TELLA, 2017) simboliza a trajetória de pesquisadorxs atentos a temáticas e reflexões em cidades e os marcadores sociais da diferença. O livro apresenta etnografias individuais e coletivas de pesquisadoxs do Guetu, espalhadxs por diversas universidades do país.

A desafiadora proposta foi experenciar coletivamente todas as etapas da pesquisa: escolha do campo, objetivos e metodologias, planejamento, inserção, trabalho de campo, conversas sobre as impressões do campo, trocas, informações do caderno de campo, leituras do suporte teórico, escrita do artigo.

Talvez o mais desafiador tenha sido escrever, a produção do texto final. Não teve um modelo de escrita coletiva. Mas duas práticas prevaleceram: 1. um escreve de cada vez; 2. escrever no modo *word online*. Os desafios e tempo dedicado foram além do cronograma estabelecido, mas tudo foi um aprendizado muito rico. Todo este processo foi pauta de conversas no grupo, principalmente sobre questões éticas e metodológicas.

Além dos resultados das etnografias coletivas, foram publicadas pesquisas individuas de mestrado, em sua grande maioria[115]. O livro está organizado conforme as linhas de pesquisa em que as temáticas, individuais e coletivas, estão inseridas:

- No artigo de pesquisadorxs da linha 1[116], "Usos do espaço e sociabilidade no ponto de cem réis: uma etnografia visual em construção", xs pesquisadorxs Lara Amorim, Juliana Crelier, Deyse Brandão, Evanielly Velozo, César Matos, Paulo Rossi, Claudionor Araújo realizam uma reflexão preliminar sobre possíveis direções e abordagens que o grupo pretendia adotar para realizar etnografias urbanas na cidade com a utilização da ferramenta audiovisual;
- No artigo vinculado a linha 2[117], Luciana Maria Ribeiro de Oliveira e Ivandiely Pessoa Pinto de Menezes, com o artigo "Incursão etnográfica de perto e de dentro pelos causos e contos da vida urbana de Mamanguape/PB: relatos iniciais", nos oferecem análise de histórias, causos e contos verbalizados por moradores, vizinhos de antigos casarões e sobrados existentes no município de Mamanguape/PB;
- Com o título sugestivo, do grupo da linha 3[118], de "A margem da linha: viagens, usos e sentidos do trem da região metropolitana de João Pessoa/PB", xs autorxs Ana Carolina Amorin da Paz, Anny Glayni Veiga Timóteo, Claudiovan Ferreira da Silva, Jocélio de Oliveira, Níobe Neves Henriques e Sarayna Martins Mendes nos convidam para embarcar nos trens da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU). A proposta do grupo é apresentar como a população usuária desse meio de transporte se apropria e usa esse dispositivo de circulação.
- No artigo "Observações, conversações e experiências em meio à feira livre de Mamanguape/PB", xs pesquisadorxs da linha 3 Diogo Augusto Veloso, Jaquisandro Ferreira da Silva, Walkiria do Nascimento e Marco Aurélio Paz Tella analisam as experiências e astúcias de feirantes e suas famílias, não só para vender seus produtos, mas para construir e manter laços sociais e promover práticas de sociabilidade com fregueses, frequentadores, vizinhos de bancos, fornecedores etc.

115 Para este artigo, citaremos apenas os artigos publicados a partir dos resultados das pesquisas coletivas.

116 Linha de pesquisa 1: Manifestações Urbanas e Audiovisual.

117 Linha de pesquisa 2: Marcadores Sociais da Diferença.

118 Linha de pesquisa 3: Apropriações e Interações em Espaços Públicos - sociabilidades e lazer.

Os desafios foram muitos. O exercício do fazer coletivo é um contínuo aprendizado. A conversa, a troca, o respeito, a reciprocidade e a paciência foram elementos importantes para todo o processo das etnografias coletivas, mas também se tornaram ensinamentos importantes para a trajetória de cada pesquisadorx que encarou tal provocação.

O livro apresenta uma convidativa seleção de pesquisas e temáticas sobre grupos e práticas culturais, tendo como cenário cidades de escalas diferentes. As etnografias urbanas, individuais e coletivas, compartilham o interesse na cidade e na produção de novos sentidos dos espaços urbanos.

Assim, a coletânea oferece um rico panorama das pesquisas produzidas nos últimos dois anos. Os artigos trazem etnografias sobre praças, feiras livres, formas de lazer e trabalho, mobilidade urbana, construções de gênero, pixo, cracolândia, HQs. Que mostram, por exemplo, como as cidades se modificam pelas formas de ocupação do espaço urbano e, ao mesmo tempo, constroem sua memória e história, ou como elas elaboram processos de urbanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difícil tarefa de fazer um resgate histórico das atividades de um grupo de pesquisa, com 12 anos de atuação, pode nos levar a dar mais ou menos ênfase para algumas atividades. É um risco que se corre. Ainda assim, tentamos eleger algumas ações elaboradas e executadas pelo grupo, com destaque naquelas relacionadas a pesquisa e extensão.

Ao finalizar um artigo com esta proposta, percebemos a relevância que grupos de pesquisas podem ter no ambiente acadêmico. A começar por agregar estudantes de graduação em grupos de estudos, passando por organizar eventos, estabelecer redes de pesquisadorxs e de grupos de pesquisas, e até mesmo ações mais elaboradas como produções e publicações de pesquisas/etnografias. O Guetu, com todas as dificuldades encontradas, cumpre um papel importante.

Como vimos, a proposta do Guetu é reunir pessoas interessadas em estudar e pesquisar a cidade, sempre relacionando com os marcadores sociais da diferença, evidenciando escolhas teóricas e metodológicas. Da mesma forma, pretendemos fortalecer e contribuir para a consolidação da antropologia urbana produzida no Nordeste. Além disso, priorizamos a leitura e o diálogo com pesquisas realizadas sobre cidades de diferentes escalas nordestinas e por pesquisadorxs de universidades da região.

Por fim, nós, do Guetu nos preocupamos em construir relações pessoais afetuosas e fazer pesquisa com seriedade, rigor teórico e metodológico, mas sempre com leveza, procurando nos apoiar com muito diálogo e sorrisos. Comportar-se dessa forma, nos dias de hoje, é essencial para enfrentar os ataques que a ciência e as universidades públicas vêm sofrendo, por aqueles que deveriam reconhecer, defender e qualificar.

Viva os 12 anos do Guetu!

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos.** SP: Terceiro Nome. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. RJ, Jorge Zahar. 2009.

CAIAFA, Janice. Jornadas Urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do RJ. Rio de Janeiro. Ed. FGV. 2002.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Centauro. 2001.

OLIVEIRA, Luciana M. R e TELLA, Marco A. P. **Etnografias urbanas: espaço imagem e diferença na cidade**. João Pessoa: GUETU. 2017

TELLA, Marco Aurélio Paz. Ações e prática culturais juvenis: apropriações de espaços públicos em João Pessoa. IN Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional v. 14, n. 4, p. 180-198, jul/2018 (ed. especial), Taubaté/SP.